

«HÁ ESPERANÇA? O FASCÍNIO DA DESCOBERTA»

## 22. Os sonhos ou os sinais

«O deparar com presenças irreduzíveis liberta-nos da condenação de sucumbir às imagens tomadas da mentalidade geral. [...]

[De um testemunho relatado no texto] “[...] a única coisa que me permite dizer que há alguma esperança são alguns rostos para os quais essa esperança existe. [...] Todos os dias me surpreendo com alguém que vive com verdade, que me atrai e me põe em movimento, por me fazer invejar seu jeito de olhar para as mesmíssimas coisas das quais eu já estou de saco cheio às oito da manhã. Essa atração, na maioria das vezes, se apaga duas horas depois, mas algumas vezes faz com que eu me lance mais. Pergunto-me, então: é só segui-los? É só entrar em relação com essas presenças reais que pontuam meus dias e pelas quais me sinto compreendida, ainda que só por um instante, em todas as minhas dificuldades e em todos os meus dramas?”

A resposta a esse questionamento traz um problema de liberdade. Diante de presenças que carregam consigo o fundamento da esperança, cada um de nós deve decidir, antes de mais nada, se segue o desejo de ser como elas e de estar na companhia delas ou não».

(J. Carrón, *Há esperança? O fascínio da descoberta*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2021, pp. 77-78)

**Que quer dizer, diante de um sinal repleto de atratividade, «seguir-lo»? Que significa que «é um problema de liberdade»?**

Lembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>